

**Podcast “Paraíba: Quem Somos”:
narrativas regionais nas vozes de paraibanos**

*Podcast “Paraíba: Who We Are”:
regional narratives in the voices of Paraíba natives*

Luiz Felipe BOLIS¹
Norma MEIRELES²

Resumo

O presente artigo é um recorte da pesquisa *Paraíba: quem somos - atravessando a porta do sol*, com foco em um dos seus produtos, o podcast *Paraíba: Quem Somos*, uma produção jornalística que apresenta as histórias de vida de cinco paraibanos. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa-ação participante, aplicando a entrevista como um dos instrumentos de coleta. O objetivo deste trabalho é analisar a utilização do podcast como meio de difusão de memórias culturais, fortalecimento do sentimento de pertencimento e promoção de um jornalismo ético e humanizado. As entrevistas realizadas deram origem a cinco episódios, disponíveis em plataformas digitais, que exploram a paisagem sonora, o sotaque e os regionalismos como expressões da cultura paraibana. Como resultado, compreendemos que o podcast reafirma o potencial do jornalismo sonoro como prática de preservação da memória e valorização da identidade.

Palavras-chave: Podcast. Radiojornalismo. Pesquisa-ação. Relato. Paraíba.

Abstract

This article is an excerpt from the research *Paraíba: who we are - crossing the door of the sun*, focusing on one of its products, the podcast *Paraíba: Who We Are*, a journalistic production that presents the life stories of five people from Paraíba. It is a qualitative study, based on participatory action research, using interviews as a data collection tool. The objective of this work is to analyze the use of podcasts as a means of disseminating cultural memories, strengthening the sense of belonging, and promoting ethical and humanized journalism. The interviews conducted gave rise to five episodes, available on digital platforms, which explore the soundscape, accent, and regionalisms as expressions of Paraíba culture. As a result, we understand that the podcast reaffirms the potential of sound journalism as a practice for preserving memory and valuing identity.

Keywords: Podcast. Radio journalism. Interview. Action research. Paraíba.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: lfbolis97@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo e do Curso de Radialismo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: norma.meireles@academico.ufpb.br

Introdução

O podcast “Paraíba: Quem Somos” apresenta as histórias de cinco paraibanos: Eloá Souto, Arthur Vieira, Adriana Bischofberger, Kaline Basilio e Ronilson Clementino e nasce como uma proposta de valorização das identidades regionais e das histórias de vida de paraibanos. O presente trabalho propõe analisar a utilização do podcast como meio de difusão de memórias culturais, a partir de um recorte da pesquisa *Paraíba: quem somos - atravessando a porta do sol*, com foco em um dos seus produtos, o podcast Paraíba: Quem Somos.

O aparato teórico deste artigo aborda, em primeira instância, o relato como fonte de informação, visto que os episódios de podcast aqui analisados transmitem histórias de paraibanos a partir de suas cidades, dentro e fora do estado: na Paraíba, dois entrevistados foram visitados em Barra de Santa Rosa e em Cabedelo; no continente europeu, três entrevistas aconteceram em Genebra-Suíça, Roma-Itália e Braga-Portugal.

Além da disseminação de histórias de vida, trata-se do compartilhamento de experiências pessoais de reconhecimento e pertencimento à terra de origem, expressado pelas fontes entrevistadas em suas falas e também expressado pelo pesquisador, cujos laços remontam, igualmente, à Paraíba. Outrossim, o produto reafirma o papel do jornalismo enquanto espaço de registro, reflexão e circulação de identidades.

A metodologia deste artigo é de abordagem qualitativa, e a entrevista é um dos instrumentos de coleta empregado. Utilizando-se da pesquisa-ação participante, o pesquisador buscou investigar e refletir sobre as narrativas acerca da regionalidade de paraibanos e gerar um produto, uma ação de produzir um podcast pela perspectiva de um jornalista-pesquisador que compartilha a identidade paraibana com os entrevistados, personagens de cada episódio do podcast *Paraíba: quem somos*. A pesquisa-ação participante está dividida em cinco etapas, com o intuito de compreender melhor os processos de planejamento e execução do pesquisador, sendo estas: 1) Identificação do grupo e planejamento das produções; 2) Seleção dos participantes; 3) Ida a campo e coleta de dados; 4) Edição; 5) Apresentação dos conteúdos.

As reflexões deste trabalho também abarcam o caráter regional do podcast e trazem aqui pontos de observação das falas dos entrevistados, reunindo uma série de

temáticas a partir das vivências destas pessoas pela Paraíba e por diversos recantos do mundo, imbricados às suas próprias identidades paraibanas.

O relato como fonte de informação

O jornalista, imbuído de sua missão profissional, busca reconstituir e dar sentido ao presente. O latim *reportare* frisa justamente as atribuições deste ofício: “transmitir, descobrir e anunciar” (Fonseca; Vargas, 2012, p. 27). Os profissionais deste ramo portam consigo uma lista de deveres para com a sociedade, um dos quais apresenta o Artigo 2º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”

Em meio à tarefa diária de registrar a factualidade dos centros de grande, médio e pequeno porte e de executar as práticas da reportagem, o que para Fonseca e Vargas (2012) é visto como uma verdadeira “antropologia do presente”, o relato está entre uma das principais fontes utilizadas por jornalistas cotidianamente. Para um mesmo fato, trama ou acontecimento, cada interlocutor tende a apresentar ao jornalista uma versão e um olhar para o que fora testemunhado e lança uma fala que, desde os seus pormenores, expõe a dimensão da subjetividade humana. Cabe ao repórter saber distinguir, com os critérios da credibilidade, o que é passível ou não de ser divulgado. Fonseca e Vargas (2012, p. 29) destacam:

O repórter é um leitor, um historiador da realidade: não a recebe consolidada e explicada, não a recebe interpretada; a ele cabe encontrá-la, e a encontra nos lugares menos divulgados, muitas vezes nos mais esquivos. E encontrá-la é o mesmo que explicá-la, ambas funções correm paralelas, e elas a sua vez devem entroncar com as raízes subjetivas.

Os relatos permitem às pessoas compreender realidades ao seu redor, dar sentido às situações e contradições do mundo, conectar, aprender, transladar informações, persuadir e mobilizar, assim crê Páez (2022). A autora escreve sobre um tipo de comunicação bastante utilizada por organizações, líderes sociais, empresas, partidos políticos e também jornalistas: o *storytelling*. Ela afirma:

De fato, o relato acompanha a história do homem. É uma parte elementar de nossa cultura, tradições, memória coletiva e muito mais. Os formatos variaram: discursos, imagens, vídeos, áudios; mas a essência segue sendo a mesma (Páez, 2022, p. 79. Tradução nossa).

Entretanto, Páez (2022) enfatiza que nem toda comunicação é um relato, porque este último é capaz de gerar uma reação emotiva. Na definição de Cruz (2025), *storytelling* é a arte de narrar histórias, cuja origem vem da tradição oral e do costume de compartilhar histórias como forma de transmitir conhecimentos, valores e experiências.

Em sua essência, tais histórias geram sentido de vida e emoções, inspiram outras pessoas, estimulam a empatia e criam conexões com o público. Com isso, se percebe o seguinte fato: “Desde as suas origens na tradição oral até a sua adaptação aos formatos digitais, as histórias continuam sendo uma força transformadora em todos os aspectos da vida” (Cruz, 2005, p. 10. Tradução nossa)³. O autor também pontua que uma história é formada por personagens, conflito, trama, emoção, mensagem/propósito e cenário/contexto.

Das interações sociais hoje também as narrativas encontraram outras formas de alcançar pessoas. Sob aparatos tecnológicos, hoje é possível conectar-se a relatos em variados formatos em um fácil alcance na palma da mão, através de sites, redes sociais e meios que revelam o mundo de fora. Entretanto, Gynnild et al. (2020, p.3) sublinham: “Neste momento da história, o público ainda espera que as histórias jornalísticas sejam precisas, confiáveis e éticas”.

Conforme destacado anteriormente, a ética – e mais: a credibilidade e a excelência da informação, enquanto direitos inerentes ao público – deve sempre ser preservada no ato de narrar histórias. No geral, o jornalismo também é apontado como uma forma de conhecimento, segundo as observações de Meditsch (1998), sendo, outrossim, um meio de cidadania e transformação social.

Podcast e rádio: entre semelhanças e diferenças

Entre o tradicional rádio e contemporâneo podcast, nascido do meio radiofônico, se observam pontos em comum, como a oralidade, a acessibilidade e a portabilidade de ambos. Eles permitem um acesso a partir de aparelhos de fácil manuseio e, hoje, com os meios digitais, oferecem ainda mais flexibilidade para o público. Por meio do rádio hipermediático, multiplataforma e convergente, Lopez (2009, p. 222) expressa a possibilidade de “pensar a imagem para o rádio”.

³ No original: “Desde sus orígenes en la tradición oral hasta su adaptación a los formatos digitales, las historias continúan siendo una fuerza transformadora en todos los aspectos de la vida” (Cruz, 2005, p.10).

Considera-se o surgimento do podcast em 12 de fevereiro de 2004. Viana e Chagas (2021, p.3) apontam que o termo foi cunhado por Ben Hammersley no jornal inglês *The Guardian* e que:

O jornalista se referia a uma forma de transmitir dados por meio do RSS e os programas de áudio que eram distribuídos via podcasting passaram a se chamar podcast. Essa tecnologia permitia que outros formatos midiáticos também fossem transferidos, no entanto, o áudio ganhou protagonismo.

Meireles (2024, p. 185) entende o radiojornalismo como: “Jornalismo feito especificamente para o rádio, considerando o meio e a linguagem radiofônica”. López (2009) apontava que o rádio e o radiojornalismo não perderiam espaço em meio ao surgimento de novos aparatos tecnológicos, mas se adaptariam em processos de revisão e reestruturação e de novas dinâmicas.

Viana (2021) reflete a humanização do relato como forma de valorização das personagens do cotidiano e suas histórias e menciona a importância dos elementos da linguagem radiofônica – falas, silêncios, músicas, efeitos sonoros – como linhas tênues para a condução emocional da história. Outro elemento que amplia a experiência do ouvinte é a paisagem sonora. Para José (2007, p. 1): “a Paisagem Sonora é uma composição sonoplástica para construir um fundo sonoro em que o texto verbal-oral é locado”.

Adaptações, atualizações e reformulações são comuns no universo radiofônico. Convergência é o nome dado por Canavilhas (2012, p.10) a esse fenômeno. O autor cita que:

A história da mídia de massa mostra que cada nova mídia passa por um período vago até se estabelecer com características próprias. Isto significa que os novos meios de comunicação começam por misturar os conteúdos dos seus antecessores (remediação) até se estabelecerem numa linguagem própria (convergência) (Tradução nossa).

Tanto o rádio quanto o podcast, o tradicional e o novo, apresentam um meio expressivo para a disseminação do radiojornalismo narrativo, com histórias e relatos repletos de sentido para o público ouvinte. Conforme observa Kischinhevsky (2018, p. 6):

O radiojornalismo narrativo em podcasts pode trazer uma construção narrativa dos fatos relatados com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa pelos apresentadores é recorrente, tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados com o jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos.

Assim, percebe-se que rádio e podcast não competem entre si, mas coexistem e se fortalecem mutuamente, ampliando as possibilidades narrativas do jornalismo sonoro.

Metodologia

Este artigo conta com uma metodologia qualitativa, com base na pesquisa-ação participante, que busca investigar e refletir sobre as narrativas relatadas. Utilizando-se da pesquisa-ação participante, o pesquisador buscou investigar e refletir sobre as narrativas acerca da regionalidade de paraibanos e gerar um produto, uma ação de produzir um podcast pela perspectiva de um jornalista-pesquisador que compartilha a identidade paraibana com os entrevistados, personagens de cada episódio do podcast *Paraíba: quem somos*. Partiu-se da ideia de que o registro em áudio pode reverberar valores simbólicos explanados por cada entrevistado e contribuir para a preservação das múltiplas memórias culturais e históricas sobre a Paraíba.

A pesquisa-ação participante é, de acordo com Stake (2011): “O estudo da ação, quase sempre com a intenção de conseguir aprimorá-la, mas é especial por ser realizada pelas pessoas diretamente responsáveis pela ação” (Stake, 2011, p. 175-176). Segundo o autor, a pesquisa-ação participante atua como Robert E. Stake explica que a pesquisa-ação participante é uma forma de autoavaliação. Stake (2011, p. 41) entende a abordagem qualitativa desta forma:

Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico. Cada pesquisador fará isso de maneira diferente, mas quase todos trabalharão muito na interpretação. Eles tentarão transformar parte da história em termos experienciais. Eles mostrarão a complexidade do histórico e tratarão os indivíduos como únicos, mesmo que de modos parecidos com outros indivíduos.

Thiollent (2025) aponta a relevância da pesquisa-ação enquanto caminho de solução ou esclarecimentos de problemas. No aspecto participativo, parte-se aqui da premissa também de uma autorreflexão acerca do processo de construção da pesquisa, com base em autores como Stake (2011). A pesquisa participante, em determinados casos, se apresenta como uma vertente da pesquisa-ação. Ao ser empregada aqui neste artigo, a pesquisa participante contou com a atuação e a participação do referido autor deste trabalho, que buscou captar os aspectos das realidades vivenciadas pelos cinco

entrevistados enquanto sujeitos paraibanos, os quais também convêm ser referenciados como “grupo” ou “comunidade”.

Os demais procedimentos metodológicos empregados na execução do projeto foram a revisão bibliográfica, a entrevista e a apuração para a coleta de dados com captação de áudios, fotos, vídeos, anotações e registros da história oral, a análise e tratamento de dados e a elaboração dos produtos. A entrevista é compreendida por Medina (1986) como: “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (Medina, 1986, p.8).

Cinco “narrativas paraibanas” compõem o universo da pesquisa *Paraíba: quem somos*, com histórias de vida, emoções, gestos humanitários, comportamentos, experiências, singularidades e escuta do outro. Duas entrevistas foram realizadas em território paraibano e outras três na Europa, em uma permanência de três meses de mestrado sanduíche na Universidade da Beira Interior (UBI) em Portugal, custeada integralmente pelo Programa Paraíba Sem Fronteiras, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB) e da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior – SECTIES.

Etapas da pesquisa-ação participante

O presente estudo adotou cinco etapas em sua pesquisa-ação participante: 1) Identificação do grupo e planejamento das produções; 2) Seleção dos participantes; 3) Ida a campo e coleta de dados; 4) Edição; 5) Apresentação dos conteúdos. Estas etapas ocorreram ao decorrer de dois anos e cinco meses, de março de 2023 a agosto de 2025.

Na fase 1 (*Identificação do grupo e planejamento das produções*), foi decidido entrevistar cinco pessoas da Paraíba. Antes de selecionar os participantes, observou-se a necessidade de recrutar entrevistados sobre critérios como “nascidos na Paraíba” e “histórias relacionadas a aspectos socioculturais do estado”.

Seguindo para a fase 2 (*Seleção dos participantes*), os instrumentos de coleta para identificação de personagens recorreram a recursos como: seleções em portais de notícias, análises de perfis em redes sociais, mensagens via aplicativo, ligações telefônicas, conversas presenciais, indicações vindas de fontes pessoais, observações no ciclo pessoal de amigos e em vários espaços.

Na terceira fase (*Ida a campo e coleta de dados*), houve a preparação de pautas com perguntas e estudos prévios sobre o entrevistado e o tema apresentados. Houve a fase de produção, com entrevistas e captações de áudios.

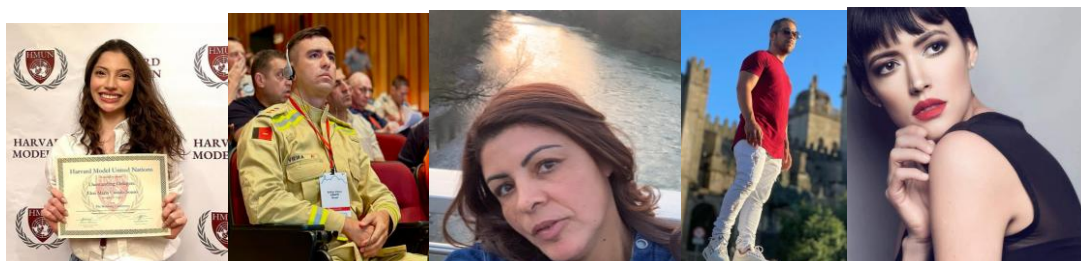
A primeira ida a campo foi realizada em 16 de maio de 2024, em Barra de Santa Rosa-PB. Eloá Souto, 16 anos, estudante do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), localizado em Picuí-PB, foi selecionada entre 1.200 jovens de todo o Brasil para uma bolsa de monitoria em simulações de debates da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em janeiro de 2024 na Universidade de Harvard/EUA.

O segundo entrevistado, o Coronel Arthur Vieira, do Corpo de Bombeiros da Paraíba, liderou um grupo de dezessete paraibanos e dois cães de busca em ações de resgate de vítimas nas enchentes do Rio Grande do Sul no mês de maio do ano de 2024. O mestrando realizou a entrevista em 22 de agosto de 2024 na casa do Coronel, em Cabedelo-PB.

Adriana Bischofberger, 50 anos, foi entrevistada em 26 de setembro de 2024 em Genève. Ela é campinense, mora na Suíça há mais de 35 anos e é a idealizadora de um São João fora de época na cidade de Genebra. Em 19 de outubro de 2024, em Roma-Itália, ocorreu a entrevista com a campinense Kaline Basílio, 36 anos, modelo de carreira internacional.

O entrevistado do mês de novembro estava em Braga/Portugal. Ronilson Clementino, 34 anos, joga no Realense Futebol Clube e participa de torneios de futebol em Portugal.

Figura 1 – Eloá, Arthur, Adriana, Ronilson e Kaline, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal dos entrevistados.

As seguintes paisagens sonoras foram captadas: feira pública, ônibus, parentes, aeroporto, pássaros, rádio comunicador, notícias, água corrente, ambulância, construções

civis, clientes de restaurante, chuva, estação de trem, crianças, clientes de confeitaria, ambulância, cliques de câmeras, estádio de futebol, apito, gritos.

A quarta etapa (*Edição*). Com os cinco scripts em mãos e as gravações dos áudios-narração, as edições de áudio foram realizadas no programa Audacity, resultando nos cinco episódios de podcast, com os seguintes títulos e tempos individuais: 1) Eloá: a menina que foi para Harvard (22m32s); 2) Coronel Arthur: na linha de frente do resgate (23m46s); 3) Adriana: Paraíba e Suíça em ritmo de São João (26m39s); 4) Kaline: das campinas da Paraíba às passarelas do mundo (27m30s); 5) Ronny: a paixão pelo futebol e o sonho de imigrar entram em campo (21m32s). Eles podem ser acessados na plataforma Spotify (<https://open.spotify.com/show/3x2FZIGwZwLC9YxMDA70rP>), o que se configura como a *Apresentação dos conteúdos*.

Figura 1 – Interface do Podcast “Paraíba: Quem Somos”



Fonte: Spotify

O olhar do pesquisador se ateu à diversidade sociocultural, geográfica, histórica e de outros pontos quanto fosse possível acerca da Paraíba e dos paraibanos, objetos da pesquisa.

“Paraíba: Quem Somos”: o caráter regional nas vozes de paraibanos

Pozenato (2003, p. 584) reflete que uma região não se origina de uma realidade prontamente *natural*, mas sim de “uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade”, ou por uma “decisão”, em outras palavras, seja esta de origem política ou de natureza científica. O autor identifica diferentes critérios que compõem vários tipos de regiões, dentre as quais região geográfica, região histórica, região cultural, região econômica e assim por diante.

A “regionalidade” é definida por Pozenato (2003, p. 585) como “uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação”, enquanto o

“regionalismo” seria visto, pelo mesmo autor, pelo critério da exclusividade, como o uso de um dialeto específico, por exemplo, “de estrita circulação interna” (Pozenato, 2003, p. 590). A partir dessas compreensões, especificamente no que tange respeito ao “regionalismo”, dois trechos apresentados a seguir trazem elementos – destacados em negrito – do regionalismo nordestino-paraibano. Essa frase, por exemplo, foi proferida pela jovem Eloá:

Eu fiquei logo **aperreada**, mas eu falei: ‘eu não posso perder essa oportunidade’, e daí eu não pensava que eu ia passar, justamente por ter sido em cima do prazo (Bolis, 2025. Negrito nosso).

“Aperreada”, a palavra em destaque, condiz com o sentido de “agoniada”, “preocupada”, “aflita”. Em outro episódio, o gesto de “dar um cheiro” é algo falado pelo jogador Ronilson. No sentido literal da expressão utilizada na Paraíba, “dar um cheiro” significa um ato de carinho entre pessoas próximas, amigos e parentes. Eis o trecho:

Vir em casa, **dar um cheiro** na mulher e no menino (Bolis, 2025, **negrito nosso**).

Entre os cinco entrevistados da série “Paraíba: Quem Somos”, um aspecto regional em comum é o sotaque paraibano. Para Furtado (2023), o “paraibanês” está ligado diretamente ao “nordestinês”, cujo falar é “manso e arrastado, cantado e colorido, realçando uma forte personalidade verbal e gestual de se comunicar” (Furtado, 2023, p. 65).

No Brasil, o multiculturalismo revela faces, vozes, costumes e várias representações sociais em cada uma das cinco regiões. Chianca (1999) aponta o sotaque como “elemento constitutivo da identidade de um indivíduo” e que os diversos sotaques espalhados pelo subcontinente brasileiro formam um verdadeiro “panorama prosódico e sonoro”. No tocante às particularidades de dialetos e regionalismos, ela afirma:

Também poderíamos mencionar as interjeições, que se situam na fronteira entre o verbal, o paraverbal e até o não verbal. Referimo-nos aqui às interjeições que constituem uma marca de pertencimento a um grupo ou subgrupo. Podemos dizer que, no Brasil, certas interjeições marcam a pertença regional (assim, a interjeição “oxente”, que corresponde mais ou menos ao francês “dis donc”, é típica do Nordeste; em Minas Gerais usa-se “uai”... cada uma dessas interjeições indica uma identidade regional) (Chianca, 1999, p. 72. Tradução nossa).⁴

⁴ No original: “On pourrait également mentionner les interjections, qui se situent à la frontière du verbal, du paraverbal, et même du non verbal. Nous faisons allusion ici aux interjections, qui constituent une

Através das elucidações de Hoepfner (2018, p. 139-140), percebe-se que:

Sotaque é aquilo que de maneira geral entendemos pela pronúncia característica, a entonação peculiar, o modo de falar de uma língua em uma determinada região geográfica. Em seu caráter revelador, o sotaque é um pronunciar que anuncia ao mesmo tempo diferença e pertença.

Ainda de acordo com a autora, é importante não confundir sotaque com dialeto, este que, por sua vez, possui marcas linguísticas bem diversificadas e vocabulário próprio. O sotaque seria um tipo de anúncio da própria identidade do interlocutor, o gesto que se sobressai e que sublinha o falar, o resguardo da identidade – materializado na voz – e o “anunciar da diferença que renuncia à mesmidade” (Hoepfner, 2018, p. 149).

Duas falas do podcast despertam a atenção, por empregarem regionalismos estrangeiros. Ronilson traz, no quinto episódio, a expressão portuguesa “ó, pá”, esta que traz na sua essência a influência dos dizeres angolanos no cotidiano vocabular de Portugal e que, no contexto da fala e em um entender mais abasileirado, pode representar “veja só!” ou “olha, rapaz!”. Em mais de trinta anos de residência em Genebra-Suíça, algumas interjeições do francês também estiveram presentes nos relatos orais de Adriana. Em uma das quais, ela menciona “voilà!”, traduzida como “pronto!”, sendo esta a frase completa: “e aí, 'voilà! Me apaixonei e as coisas foram acontecendo, e pronto, caí na Suíça” (Bolis, 2025).

Em suas narrativas, os paraibanos entrevistados no continente europeu apresentam perspectivas pessoais da mudança e de certos “choques culturais” no início de suas jornadas no estrangeiros. Dois trechos do podcast sobre a vida de Adriana Bischofberger ilustram esse “olhar para o diferente” no tocante à linguagem e às percepções de outros tipos de regionalismos.

E o senhor que foi me pegar no aeroporto, fazer o traslado para o hotel e tudo, com aquela história de: 'rapariga, estás a chegar!?'... E eu não levei muito bem, que eu falei: '...você tá me chamando de quê, moço?'; e aí, pronto, ele se explicou... Então foi uma coisa que ficou marcado em mim, até hoje.

“Cou” aqui é pescoço, entendeu?... e eu dizia: 'o homem *tá* com dor...!', e só ria... e depois que o outro jogador, que era espanhol, que veio me

marque d'appartenance à un groupe ou à un sous-groupe. Nous pouvons dire qu'au Brésil, certaines interjections sont la marque d'appartenance à une région spécifique (ainsi l'interjection "oxente" qui correspond à peu près au français "dis donc" est typique du Nordeste, à Minas Gerais on utilise "uai"... chacune de ces interjections indiquant une appartenance régionale)” (Chianca, 1999, p. 72).

explicar... Ele disse: ‘Mas não é isso, Adriana; não é isso; isso aqui quer dizer que é aqui no pescoço que tá doendo, por isso que ele não jogou hoje’, aí então, essas coisas que acontece, eu acho que quase todos que vêm por aqui deve pagar um mico, né? (Bolis, 2025).

Em um depoimento de Kaline, entoado a partir das suas experiências pessoais na capital italiana, ela cita um recurso linguístico de uso frequente no Brasil e em várias partes do mundo: o ditado popular. Nas recordações das vivências do passado na Paraíba, ela menciona:

Só que tem aquele dito...: “quem tem boca ‘vai a’ Roma”. E eu tinha muito isso... Desde criança que eu dizia: "...um dia eu vou embora... quem tiver boca ‘vai a’ Roma". Então assim, só que eu não imaginava que eu ia para Roma (Bolis, 2025).

No desenrolar de seus relatos, os entrevistados do podcast expõem algum tipo de conflito e apresentam, em seguida, caminhos percorridos como forma de superação dos desafios encontrados. Cruz (2025, p. 31) destaca que um *storytelling* efetivo traz o conflito em posição intermediária entre a introdução da história e a resolução deste conflito, frisando que: “o conflito é o enfrentamento entre forças opostas em uma história, seja de forma interna (dentro do personagem) ou externa (entre personagens ou com o seu entorno)”. Visto que, para o autor, o conflito é o motor da narrativa, por gerar interesse, dinamismo, emoção e conexão com as pessoas, os trechos a seguir abordam esse momento nas narrativas de Eloá e do Coronel Arthur:

Eu pensei: eu não vou conseguir. Eu lembro que meu mentor foi lá e falou: “Eloá, você é muito forte e você vai conseguir, sim, e eu vou estar aqui para te ajudar”.... e o meu comitê era um comitê muito social e sobre autoidentificação dos povos, e era justamente sobre isso: sobre todo mundo poder ter a sua própria opinião e se posicionar. E deu muito certo.

Apesar de toda a tragédia, eles não se abalavam, não se desesperavam. Eles olhavam a situação, diziam: a situação é essa, então a gente tem que reagir, e vamos trabalhar para isso... Todos os dias havia um batalhão de pessoas fazendo comida de forma voluntária, preparando as marmitas, as quentinhas lá e para todo mundo, e com muito carinho (Bolis, 2025).

Em comum, todos os cinco entrevistados deixam registradas em suas falas as marcas do pertencimento à Paraíba, respondendo a perguntas como “o que a Paraíba representa para você?” ou “o que você carrega da Paraíba dentro de você?”. Na sequência, tem-se as reflexões de Eloá, Arthur, Adriana, Kaline e Ronilson:

Eu sou da Paraíba e isso é parte da minha identidade, e isso não me faz pior ou melhor do que ninguém na verdade. Isso só me faz Eloá Souto. Então eu acho que traz muito de inauguração, de ter sido a primeira e aquele sentimento de representar o meu estado.

Se você baixar a cabeça é pior. Então você vai lá com altivez. “Sou da Paraíba, *tô* aqui para ajudar e vamos fazer o nosso melhor”. Eu acho que é esse o recado maior que eu dou. Você acredite no seu potencial e busque os seus sonhos, que é muito possível, e é isso que eu desejo para todo mundo.

Mesmo que eu tenho mais anos na Suíça do que no Brasil, nunca vai ser minha casa de verdade, porque a Paraíba tá aqui guardada no meu coração, e sempre vai estar, em qualquer lugar que eu tiver desse mundo.

Eu sou paraibana com muito orgulho, com muito amor. Amo minha Paraíba e eu sou o que eu sou porque vim de lá, né? Da minha Campina Grande.

Eu sei de onde eu saí e eu sei onde eu *tô* hoje. Eu venho de uma família pobre, do interior da Paraíba, de Campina Grande, de um bairro pobre, favela. Eu nasci e me criei no Pedregal (Bolis, 2025).

Com isso, estes cinco paraibanos deixam gravados, através de suas vozes, e em mais de uma hora de podcast, rastros da essência do povo paraibano e um retrato do estado que representam através de suas próprias histórias.

Considerações finais

O percurso reflexivo e prático desenvolvido neste trabalho evidencia que o jornalismo contemporâneo continua a se reinventar sem abrir mão de seus princípios fundamentais: a ética, a credibilidade e o compromisso com a verdade. No contexto das tradicionais e novas linguagens narrativas, o relato jornalístico preserva sua essência: a de dar voz às pessoas e registrar as múltiplas dimensões da realidade.

O podcast *Paraíba: Quem Somos* demonstrou ser um espaço fértil para essa reinvenção. Ao unir entrevistas, técnicas de *storytelling*, elementos sonoros e a força da oralidade, o projeto reafirma o potencial do jornalismo em formato áudio como instrumento de aproximação entre narrador e público. Cada episódio atua como um mosaico de memórias e identidades, construindo um retrato afetivo e plural da Paraíba, elencando o estado não apenas como território geográfico, mas como espaço simbólico de pertencimento.

Mesmo no mundo atual, no qual as fronteiras já não representam uma barreira para a aproximação de pessoas e para a disseminação do conhecimento, o estigma, o preconceito e a xenofobia ainda estão bastante arraigados em meios sociais. A proposta do podcast e deste trabalho se baseou justamente na valorização das histórias de vida dos paraibanos e na reverberação de suas falas com sotaque, com o intuito de destacar a Paraíba e os paraibanos no campo midiático, em meio a uma diversidade de falares e saberes.

Em tempos em que a superficialidade ameaça a profundidade narrativa, iniciativas como o *Paraíba: Quem Somos* apontam caminhos para um jornalismo mais humano, por meio de histórias que sensibilizam. Conclui-se que o formato podcast, como extensão contemporânea do rádio, consolida-se como meio relevante para difusão de narrativas locais em escala global e para a junção de pessoas com um mesmo interesse em comum: o de ouvir histórias de diferentes nichos e estilos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <https://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 29 out. 2025.

BOLIS, Luiz Felipe. **Paraíba: quem somos** [podcast]. Spotify, 2025. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3x2FZIGwZwLC9YxMDA70rP>. Acesso em: 29 out. 2025.

CANAVILHAS, João. From remediation to convergence: looking at the Portuguese media. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 7–21, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n1.2012.406>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CHIANCA, Rosalina Maria Sales. Interagir en langue etrangere: une affaire socio-culturelle. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Belém, n.11, p. 65-84, jan./jun, 1999.

CRUZ, Victor T. Vargas de la. **Storytelling: el arte de contar historias**. Biblioteca Nacional del Perú: Chanchamayo, 2025.

FONSECA, André Azevedo da; VARGAS, Raul Hernando Osorio. Fato, trama e narrativa: um diálogo entre o Jornalismo e a Historiografia. **Líbero**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 21-32, jun. de 2012.

FURTADO, Paulo Germano Cavalcanti. A linguagem livre, leve e solta do povo paraibano: em busca de um "paraibanês". **Revista APMED**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 64-71, jul. 2023.

GYNNILD, Astrid; USKALI, Turo; JONES, Sarah; SIRKKUNEN, Esa. Introduction: What is immersive journalism?. In: USKALI, Turo; GYNNILD, Astrid; JONES, Sarah; SIRKKUNEN, Esa. **Immersive journalism as storytelling**. New York: Routledge, 2020.

HOEPFNER, Soraya Guimarães. Sotaque: a voz da identidade. **Revista Enunciação**, Seropédica, v. 3, n. 1, p. 136-150, 2018.

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. **Revista Ghebh-**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 176-195, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 1998.

MEIRELES, Norma. Radiojornalismo. In: CRUZ, Adriano (Org.). **Dicionário de comunicação organizacional**. Parnamirim: Editora Biblioteca Ocidente, 2024.

PÁEZ, María Gabriela. El arte de contar historias: por qué funcionan los relatos. **Diálogo Político**, n. 1, 2022.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso M.; ZILLES, Urbano (Orgs). **Filosofia: Diálogos de Horizontes**, 583-593. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2025.

VARGAS, Raúl Hernando Osorio. Reportaje: metodología del periodismo literario. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 3, dez. 2018, p.750-771.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luan. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. **Anais do XIII Encontro Nacional História da Mídia**, ago/2021.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, v. 16, n. 31, 2021.